

## **CULTURA E TRADIÇÃO POPULAR NORDESTINA: O POTENCIAL EDUCATIVO PRESENTE NA OBRA “AUTO DA COMPADECIDA”**

Sara Pereira Ferreira<sup>1</sup>  
sarapferreira7@gmail.com

Patrícia Emanuely dos Santos Bezerra<sup>2</sup>  
patriciaemanuely12@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho discute a possibilidade da obra literária “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, no ensino de História. Em termos metodológicos: a peça teatral foi averiguada a partir da análise do discurso, preconizada por Eni P. Orlandi. Os resultados obtidos apontam para múltiplas possibilidades da obra supracitada para o ensino de história, como compreender o imaginário da época, quais conflitos e tensões existiam, como o cotidiano sertanejo se desenrolava com as práticas culturais e religiosas. Deste modo, o ensino de história a partir da literatura permite acessar diferentes temporalidades e realidades, que quando didatizadas podem ser usadas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Literatura. Ariano Suassuna. Auto da Compadecida.

### **INTRODUÇÃO**

Quando se propõe pensar o Nordeste é comumente atribuída a imagem pré-concebida de uma região marcada pela seca, fome e miséria. Se caracterizando como espaço de marginalização e sofrimento. Esses estereótipos são rotineiramente reforçados principalmente pelas representações midiáticas que persistem em retratar essa região como vitimizada.

De acordo com Albuquerque (1999) o Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela World University Ecumenical (WUE), especialista em Ensino de Arte, História e Música pela União Brasileira de Faculdades-UNIBF e licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Cultura e Literatura pela Faculdade Sucesso-FACSU e licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região.

Nesse sentido esses estereótipos são recorrentes não apenas nas populações de outras regiões, mas também nos próprios nordestinos que tendem a aceitar esse lugar de inferioridade e submissão quanto as representações feitas de sua cultura e de seu povo.

Compreender as raízes dessas representações e pensá-las criticamente são processos que proporcionam refletir sobre essa pluralidade cultural existente não apenas nessa região, mas em todo país.

Livre das teias invisíveis de ideias intrincadas na mentalidade social, assume-se que essa região é marcada pela abundância de manifestações culturais, linguagens e significações que compõem um amplo conjunto de riquezas que forjam a valorização da literatura, poesia, música e produções dos mais diversos tipos e saberes.

Pensando na multiplicidade das representações culturais regionais e seus variados suportes, neste caso a literatura, temos como objetivo analisar o potencial educativo na obra literária “Auto da Compadecida”, do escritor paraibano Ariano Suassuna, na medida que através da comédia, da sátira e da ironia o autor denuncia mazelas sociais presentes na época e induz a valorização da oralidade, do folheto de cordel e das práticas culturais e religiosas da região.

A difusão do conhecimento e valorização desse acervo cultural pode ser sistematizado e discutido no espaço escolar, admitindo que educação e cultura são aspectos inerentes ao indivíduo.

[...] a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela; dir-se-á que é pela e na educação (...) que a cultura se transmite e se perpetua: a educação realiza a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana. (FORQUIN, 1993 P.14 apud FONSECA, 2012).

Desse modo o processo de ensino-aprendizagem deve prezar pela perpetuação de uma memória coletiva, que proporcione aos educandos o acesso as mais variadas manifestações culturais, tomando como base as características regionais ou locais.

## 1. ESTUDO DA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL

Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008) aponta que o estudo da História Regional e Local se fundamenta principalmente na história do cotidiano e apropria-se de seus métodos, com o objetivo de inserir as ações de pessoas comuns – homens, mulheres, crianças e velhos- na constituição histórica, e não exclusivamente as ações de políticos e das elites sociais.

Portanto a história regional pode ser entendida como uma dimensão do estudo do singular, que proporciona um aprofundamento do conhecimento sobre a história nacional, ao estabelecer relações entre as situações históricas diversas que constituem a nação. Por conseguinte, esse tipo de abordagem utiliza uma micro-história para se entender um contexto maior, fazendo associações para se compreender os fatos em um contexto geral.

Partindo do pressuposto que a cultura brasileira não é homogênea, mas sim diversificada e híbrida, a Base Nacional Comum Curricular- BNCC (2018) em suas Competências Gerais da Educação Básica propõe que se deve:

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018, p. 09).

Nessa véis discursivo a valorização cultural e regional do Nordeste se expressa através de inúmeras obras de cunho artístico, científico e social. Na presente narrativa se deteremos na obra literária “Auto da Compadecida” do escritor paraibano Ariano Suassuna e o seu potencial educativo.

## 2. “AUTO DA COMPADECIDA” E SEU POTENCIAL EDUCATIVO

Ariano Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927 na cidade de João Pessoa. Seu pai, João Suassuna era governador da Paraíba e foi assassinado devido a supostas intrincas políticas. Devido a esse fato, Ariano se muda para Taperoá e posteriormente para Recife, onde em 1946 inicia a Faculdade de Direito. No entanto, abandona a carreira de advogado

e se dedica a literatura e ao magistério, exercendo essas atividades até sua morte em 2014.

Dentre as suas principais obras destaca-se a peça teatral *Auto da Compadecida* (1955), se popularizando a partir de 1999 com a produção do filme de mesmo nome dirigido pelo produtor, diretor e roteirista Guel Arraes.<sup>3</sup>

Ariano se consagrou como um dos maiores nomes da literatura brasileira. Esse escritor se fez torna-se grande devido principalmente ao seu uso de palavras. Adepto a uma escrita de fácil entendimento, se aproxima da oralidade com expressões regionais que enriquecem seus escritos com uma linguagem irreverente.

Portanto essa obra literária se apresenta como uma das inúmeras opções que o professor pode fazer uso em sala para discutir conteúdos específicos. Pois a literatura e a história dialogam através de semelhanças e diferenças que se complementam para fornecer uma visão mais completa acerca dos fatos estudados.

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAVENTO, 2004, p.82).

Por conseguinte, a literatura de Ariano Suassuna permite compreender o imaginário da época, quais conflitos e tensões existiam, como o cotidiano sertanejo se desenrolava com as práticas culturais e religiosas. Também nos é permitido vislumbrar através dos olhos do autor como ele enxergava as disputas de poder, como também a sua inquietação e denúncia.

A linguagem utilizada por Ariano em seus escritos, tem atraído o interesse de muitos jovens no país e buscando entender o motivo desse fato Souza (2003) aponta que devido à sua linguagem popular e regional e a utilização do humor, como quebra de um pensamento linear, tratando de forma crítica assuntos referentes à realidade social, Suassuna aproxima-se do interlocutor permitindo a interação através da linguagem.

---

<sup>3</sup> Informações extraídas dos CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Ariano Suassuna, Inst. Moreira Salles, n° 10, nov/2000.

Dessa maneira, por apresentar uma linguagem de fácil entendimento e através do humor criticar questões referentes a realidade social, seus escritos podem fazer com que os alunos das mais diversas idades se sintam atraídos por esse tipo de comunicação. Mantendo um diálogo com o próprio autor e se identificando na narrativa e nas expressões utilizadas.

Aliado a esse fator, está a identificação do público com os temas abordados por Suassuna, pois mesmo tendo escrito a décadas atrás, esses temas ainda são contemporâneos e encabeçam as discussões entre as mais diferentes esferas da sociedade atual.

Além da linguagem utilizada que facilitará o entendimento dos educandos, os personagens da obra também simbolizam e propõem temas que podem ser trabalhados em sala pelo professor de História.

Um desses personagens é Severino, idealizado a partir da figura lendária de Lampião, cangaceiro famoso que despertou amor e ódio na população nordestina entre os anos de 1898 a 1938. A partir desse personagem conceitos como Cangaço, e Banditismo Social podem ser problematizados em sala de aula.

Essa temática se torna relevante para se discutir em aula pois segundo Albuquerque Jr (1999) na região nordestina, algumas imagens são constantemente visitadas, como a do beato místico, a da sociedade aristocrática do açúcar e a do cangaço. Assim, o cangaço pode ser tornar uma temática simplista e trabalhada de maneira superficial em sala. Tal fato não deve acontecer, pois é um tema de extrema relevância para se entender as estruturas de poder, as resistências do povo e também o seu imaginário.

Na obra Suassuniana também dispomos do Major Antônio Moraes que representa o Coronelismo e como o poder é/era utilizado pelos mais abastados. Já o Padre e o Bispo trazem à tona a denúncia da avareza e cobiça de membros de um clero corrupto, explicitado através do episódio emblemático do enterro da cachorra por três contos de réis.

Além disso, temas como fome, corrupção e indiferença dos dominadores pelos dominados são trabalhados no decorrer da narrativa. Um desses momentos fica evidente principalmente na fala de João Grilo durante o Juízo Final:

*Encourado: Ele e a mulher foram os piores patrões que Taperoá já viu.*

*Mulher: É mentira!*

*João Grilo: É não, é verdade. Três dias passei...*

*Manuel: Em cima de uma cama, com febre e nem um copo d'água lhe mandaram. Já sei, João, todo mundo já sabe dessa história, de tanto ouvir você contar.*

*João Grilo: Mas eu posso? Me diga se eu posso! Bife passado na manteiga pra cachorro e fome para João Grilo. É demais!*

Nesse trecho fica clara a indignação de João Grilo quanto a precarização do trabalho e os maus tratos impostos pelos patrões, estes por sua vez, deixaram seu empregado doente e com fome, expondo a indiferença existente entre grande parte das relações trabalhistas das indústrias e comércios modernos. Além da comparação feita entre João Grilo e a Cachorra do padeiro que evidencia a dura realidade da pobreza e miséria vivenciada pelo personagem.

Outra temática bastante trabalhada na obra é a religiosidade, representada pelo catolicismo rústico e suas práticas que permeiam o sagrado e o profano. Suassuna os representa claramente durante o episódio do Juízo Final, atribuindo e aproximando figuras sagradas a cargos desenvolvidos em processos judiciais “terrenos”.

*João Grilo: Ah! Você pensa que eu me entreguei? Pode ser que eu vá, mas não é assim não! Eu vou apelar!*

*Padre João: Pra quem, João? Você mesmo ouviu Nosso Senhor dizer que a situação está difícil...*

*Emanuel: Espere! Com quem você vai se pegar, João?*

*João Grilo: Eu vou pedir pra alguém que está mais perto de nós. Por gente que é gente mesmo.*

*Emanuel: É algum santo?*

*João Grilo: O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior que qualquer santo!*

*Emanuel: Quem é?*

*João Grilo: Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! A vaca mansa dá leite, a braba dá quando quer. A mansa dá sossegada, a braba levanta o pé. Já fui barco, fui navio, Agora sou escaler. Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher. Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré!*

No episódio acima, Jesus (Emanuel) assume a figura de juiz, o diabo a de promotor e Nossa Senhora a de advogada. João Grilo apela para a Compadecida e ela intercede por ele se valendo da vida difícil e sofrimentos vivenciados. Esse apego a imagem de Maria é fortemente experienciada no sertão nordestino através principalmente da devoção mariana. Outros elementos da religiosidade também podem ser discutidos através de conceitos tais como céu, inferno, purgatório.

Todo esse cenário idealizado pelo autor encontra sua base principalmente na literatura de Cordel. Esse tipo de escrito chega ao Brasil através de influência portuguesa e logo se firma como uma forma de literatura extremamente singular.

De acordo com Cavnac (2006) a Literatura de Cordel do Nordeste brasileiro começou a aparecer em sua forma atual no fim do século XIX. Sendo obras de poetas humildes, impressos em folhetos de papel frágil de jornal, essas narrativas eram vendidas, declamadas ou cantadas nas feiras, nos centros de romaria e nos lugares públicos da região e que se espalharam para outras partes do país devido principalmente ao processo migratório da população nordestina no decorrer do último século.

No que diz respeito às narrativas contidas nesses folhetos ela salienta:

[...] embora se trate de poesia, o folheto é essencialmente relato: apesar de sua apresentação em versos, ele se aproxima mais do conto, do ponto de vista de sua forma e de seu conteúdo, do que da poesia. [...] são narrativas fortemente estruturadas que podem ser analisadas segundo um método apropriado. (CAVIGNAC, 2006, p. 75).

Nessa perspectiva, através desse tipo de literatura o professor-historiador pode fazer seu uso objetivando compreender os eventos através de um olhar diferenciado, construídos por indivíduos inseridos em determinada realidade e cultura que permitirão ter um vislumbre de sua essência.

E foi todo esse potencial que Ariano Suassuna expôs em suas narrativas, sendo parte dela construída sobre essa égide, utilizando-se de vários folhetos para construir sua simbólica obra “Auto da Compadecida”.

Além do texto literário em si formado por versos extremamente codificados, o cordel também dispõe da arte das xilogravuras. Essa forma de produção artística consiste em imagens que seguem uma técnica específica de gravura e impressão e que são responsáveis por dar vida aos personagens retratados nos contos.

A xilogravura surge no cordel como uma forma de atingir o público não letrado. Suas matrizes de madeira (advinda do cajá, árvore frutífera abundante na região) foram base para a gravação de imagens de aspecto ingênuo (naïf), visto seus produtores não possuírem formação e erudição acadêmicas, sendo impressas em sua maioria em preto e branco ou em poucas cores. A baixa escolaridade do leitor consumidor desse tipo literário forçou alguns cordelistas a tornar suas histórias ilustradas. As imagens passaram a cumprir função de iluminuras: são a representação imagética do que no texto está escrito ou cantado pelo

repentista. (MONTEIRO; PIRES, 2013 p. 04)

Segundo esses autores essas imagens surgem da necessidade de adaptação desse tipo de literatura em prol de uma parcela da população iletrada, que não conseguia acompanhar a leitura dos versos. Assim, as imagens xilogravadas narram esses contos através de uma linguagem visual que objetivam a democratização e acesso à cultura por todos.

Sendo assim, as xilogravuras se potencializam no ensino através da inserção da linguagem visual como uma nova maneira de percepção do real e do imaginário. A utilização dessas imagens grafadas nos folhetos de cordel também pode proporcionar aos educandos uma leitura visual e artística, adentrando para um possível estudo e problematização a partir da História da arte prezando pelo seu valor artístico e cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As obras literárias produzidas por Suassuna apresentam uma gama de riquezas, temáticas e manifestações culturais que quando utilizadas corretamente em sala de aula podem oferecer aos educandos sensibilidade estética, respeito as culturas, e a compreensão de temas que contribuirão para a formação de um cidadão produtor dessa mesma veia cultural.

A obra aqui analisada através de um olhar historiográfico e principalmente pedagógico pode oferecer inúmeras outras possibilidades e temas a serem utilizados em sala de aula. Cabendo a iniciativa e ação de outros historiadores/ professores/ pesquisadores a adentrarem nesse caminho de reformulação de metodologias e práticas que proporcionem aos educandos meios de pensarem historicamente e se sentirem indivíduos representados dentro de uma cultura não apenas nordestina, mas brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil**. Natal: Edufrn, 2006.
- GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. – 13a ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- MONTEIRO, Ênio; PIRES, Vera. “**Tautologia da xilogravura de cordel: oralidade, texto e imagem**”, In: Revista Nau Literária. Rio Grande do Sul, vol. 09, n. 02, 2013.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8ª. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.
- SOUZA, M. **O Auto da Compadecida: da cultura popular à cultura de massa- uma análise a partir da Folkmídia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - UMESP- Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, p. 337. 2003.
- SUASSUNA A. **Auto da Compadecida**. 19 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1983.